

As percepções da centralidade urbana no município de Timóteo-MG na perspectiva do lugar e da paisagem

Bernardo Alves Furtado

Arquiteto e Urbanista, Mestre em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas – Doutorando em Economia pela UFMG, Professor do Curso de Geografia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste-MG.

furtadobb@task.com.br

Dorotéo Émerson Storck de Oliveira

Geógrafo, Mestre em Geografia Regional pela Universidade de Brasília – UnB – Professor e Coordenador do Curso de Geografia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste-MG.

cgf@unilestemg.br

Leoneci E. Silva Storck de Oliveira

Graduada em Geografia, aluna de pós-graduação em Planejamento e gestão sócio-ambiental no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste-MG.

desdo@uol.com.br

RESUMO

O estudo analisa a formação de duas centralidades distintas no município de Timóteo-MG na perspectiva do lugar e da paisagem. O processo de produção e apropriação do espaço urbano em Timóteo tem sua gênese concomitante ao processo de industrialização do município com a implantação da siderúrgica ACESITA em 1944. A partir da implantação da ACESITA, o município tem um desenvolvimento típico de outras cidades mono-industriais do Brasil. Nesse contexto, o projeto urbanístico implementado, financiado e administrado pela empresa confronta-se com a organização espacial (e sócio-cultural) anterior. Em decorrência disso, dois núcleos populacionais se constituem e como conseqüência há a formação de dois pólos. Essa análise insere-se em dois contextos complementares: o centro de onde a cidade se originou – sítio histórico – e o outro centro que tem sua origem com a implantação da ACESITA que, de certa forma, são interdependentes. Aquele fornecendo mão-de-obra e terra urbana barata para este, que, por sua vez, fornece pujança econômica e empregos para aquele. A evolução urbana da cidade passa, portanto, a ser resultante da polarização entre os dois extremos, um supostamente moderno, rico e industrial e o outro, tradicional, mas pioneiro que se complementam e, provavelmente, constituem um todo coeso. Os objetivos do estudo são: caracterizar os usos e hábitos dos moradores dos dois centros; identificar a imagem perceptiva das duas centralidades; identificar através da fala dos moradores mais antigos a transformação da cidade. O estudo passa necessariamente pela revisão de bibliografias sobre análises de produção e apropriação do espaço, formação de centralidades urbanas, percepção urbana. Além disso, o estudo está apoiado em entrevistas com moradores mais antigos dos dois núcleos populacionais. O grande desafio da cidade é a desigualdade dos recursos disponíveis no centro formado a partir da implantação da indústria de grande porte e ao mesmo instante precário no “velho centro”.

INTRODUÇÃO

O artigo analisa a formação de duas centralidades distintas no município de Timóteo localizado no Vale do Aço, leste de Minas Gerais, na perspectiva do lugar e da paisagem. O processo de produção e apropriação do espaço urbano em Timóteo tem sua gênese concomitante ao processo de industrialização do município com a implantação da companhia siderúrgica Aços Especiais Itabira (ACESITA) em 1944.

A análise insere-se em dois contextos complementares: o centro de onde a cidade se originou – *sítio histórico* – e o outro centro que tem sua origem com a implantação da ACESITA que, de certa forma, são interdependentes. Aquele fornecendo mão-de-obra e terra urbana barata para este, que, por sua vez, fornece pujança econômica e empregos para aquele. A evolução urbana da cidade passa, portanto, a ser resultante da polarização entre os dois extremos, um supostamente moderno, rico e industrial e o outro, tradicional, mas pioneiro, que se complementam. Paralelamente à formação das duas centralidades (1930-1970), em um segundo momento (a partir de 1970), observa-se à constituição de outros três pólos que se destacam no contexto urbano do município.

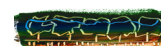
No presente estudo contextualiza-se a expansão territorial de Timóteo do ponto de vista regional, teórico e histórico. Na seqüência, explicita-se, por meio da análise da implantação de loteamentos com dados primários, a evolução urbana da cidade como alternativa aos dois centros tradicionais e, por fim, capta-se o sentimento contraditório da população que sofreu o processo, na maioria das vezes sem direito a voz ou voto.

VALE DO AÇO NO CONTEXTO DA ANÁLISE DOS FLUXOS E DA EVOLUÇÃO REGIONAL

Vários fatores constituíram-se em atrativos para a ocupação efetiva da região do Vale do Aço a partir do início do século XX. Dentre eles, vale citar: a presença da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM) construída no início do século; a necessidade do país de lançar efetivamente a base da sua industrialização através da siderurgia, aliada a proximidade da região com os municípios de João Monlevade (sede da indústria Belgo Mineira) e Itabira (sede da Companhia Vale do Rio Doce) e do quadrilátero ferrífero; e a disponibilidade de terra e água.

A implantação, em 1944, da ACESITA no distrito de Timóteo, então pertencente ao município de Coronel Fabriciano, e mais tarde (1950-1960) a implantação da Usina Siderúrgica de Minas Gerais (USIMINAS) no município de Ipatinga (distante 10 km de Timóteo), provocou o aumento dos fluxos, cada vez maiores, de pessoas, mercadorias, informações, conhecimento, que avançam sobre a região.

Os fluxos, cada vez mais acelerados, têm reflexos diretos na organização sócio-espacial não só de Timóteo, como também de toda a região leste de Minas Gerais. Esses processos rompem o relativo isolamento regional nas primeiras décadas do século, lançando o Vale do Aço à condição de uma das regiões mais industrializadas do país. A implantação das indústrias de grande porte, entretanto, impõe à paisagem regional novas formas, por meio de novos sistemas de engenharia/instrumentos de trabalho



incorporados ao território regional, que caracterizam a região como de urbanização recente e intensa com profundos desequilíbrios sociais e ambientais.

Costa (1995), ao estudar o Vale do Aço, analisa as implicações sócio-ambientais do tipo de urbanização diretamente associada à implantação de grandes indústrias. Para a autora, tanto o ambiente natural quanto às relações sociais na região são historicamente comandadas por lógicas urbano-industriais.

No caso do Vale do Aço as construções impostas à natureza e os padrões espaciais da região expressam os interesses da indústria. Algumas das principais formas espaciais (e suas funções) são materializações de um grande projeto: ajudar a consolidar a base para a industrialização do país através da implantação de usinas siderúrgicas de grande porte. No Vale do Aço antes da produção do aço há a produção do urbano construído para garantir as condições gerais de produção das indústrias siderúrgicas ACESITA e USIMINAS (OLIVEIRA & BELTRAME, 2005).

Para Corrêa (1989), o espaço urbano é constituído por diferentes usos da terra. Cada um desses usos pode ser visto como uma forma espacial que não tem existência autônoma, pois, são socialmente construídas por agentes sociais concretos. Para o autor, as formas espaciais existem porque nelas se realizam uma ou mais funções (produção e vendas de mercadorias, prestação de serviços ou uma função simbólica que se acha vinculada aos processos da sociedade). Em outras palavras, as funções urbanas se materializam nas formas espaciais que constituem o espaço urbano. Para Santos (1996) o conteúdo da sociedade não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo (a essência da sociedade). Segundo ele, as formas têm um papel na realização social.

A cidade de Timóteo faz parte do grupo composto por várias cidades mono-industriais produzidas no processo de criação e consolidação da industrialização nacional. Nas décadas de 1940/1950 tem-se o *início da implantação em território nacional da grande siderurgia e da produção cimenteira em larga escala (...)* é um passo decisivo do país para ser uma nação industrializada (...) a siderurgia se relacionava à solução dos problemas de transporte interno (ferroviário) e o desenvolvimento dos demais setores industriais (...) [a siderurgia] promove uma mutação na economia brasileira (PIQUET, 1998:25). Por outro lado, no final da década de 1960 e início da década de 1970, o Brasil configurava-se como um país de industrialização crescente com profundas discrepâncias sociais e regionais.

Para Santos (1996) o uso das técnicas, sem consideração dos sistemas locais de recursos naturais e humanos – superpostas a realidades econômicas e sociais diferentes – , têm como resultados distorções e desigualdades em todos os lugares; distorções sociais, territoriais, econômicas, culturais. No caso do urbano, a desigualdade sócio-espacial não desaparece mesmo com as constantes transformações do espaço urbano (CORRÊA, 1989:12).

A ACESITA historicamente apresenta-se como um dos principais agentes de produção do espaço urbano em Timóteo que pode ser considerada um caso típico de *company-town* (cidade-empresa) criada para atender as necessidades da produção



industrial nacional, como Volta Redonda (RJ) e Ipatinga (MG), entre outras (PIQUET, 1998).

Piquet (1998) ao analisar vários casos de cidades-empresa, aponta o papel condutor da iniciativa privada na vida regional e local. A autora mostra o poder que a empresa exerce sobre a cidade criada para atendê-la em várias dimensões. Na grande maioria dos casos, a política da cidade e da região fica subordinada a um duplo comando no qual os interesses particulares tendem a dominar sobre os interesses coletivos. Ainda segundo Piquet (1998) a cidade como paisagem e como espaço econômico e social tem sua vida atrelada à da empresa. Santos (apud PIQUET, 1998) ao comentar as cidades-empresa afirma: *quando essas empresas (company towns) planejam a si mesmas, planejam também os lugares em que se instalaram e ajudaram a desenvolver. Esse planejamento é, ao mesmo tempo, urbanístico, econômico e social, uma presença pesada que se revela também na vida política.*

No caso de Timóteo, a ACESITA – detentora de parte significativa das terras municipais – produziu seu próprio espaço urbano, interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra; os eixos de circulação em relação às formas espaciais foram constituindo-se a partir da influência dessa grande indústria como se dá nos casos de outras cidades-empresa ou cidades mono-industriais.

Em função do aumento exponencial do poder de produção, intervenção e gestão do espaço, em especial, o espaço urbano, por parte dos detentores dos meios de produção, no caso a grande indústria, a tônica da cidade em Timóteo é atender os interesses do capital industrial. A disponibilidade do território municipal para uso e ocupação (distribuída em três grandes grupos: 47% pertencentes ao Parque Estadual do Rio Doce, 37% pertencentes a ACESITA e outros 16% pertencentes ao poder público e a particulares) é um claro indício da força desse agente de produção do espaço urbano municipal, uma vez que, como sugere Corrêa *a ação dos proprietários dos meios de produção [grandes proprietários industriais e grandes proprietários comerciais], dos proprietários fundiários e promotores imobiliários serve ao propósito dominante da sociedade capitalista, que é o da reprodução das relações de produção* (1989:12).

A posse e o controle do espaço urbano viabilizam a concretização dos interesses capitalistas. Quem tem espaço tem poder. O espaço geográfico, inclusive o urbano, delimitado por e a partir de relações de poder torna-se um território (SOUZA, 1995:78) estratégico na reprodução das condições gerais de produção.

GRANDE INDÚSTRIA, PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E PERCEPÇÃO DA(S) CENTRALIDADE(S) URBANA(S) NA PERSPECTIVA DA PAISAGEM

A análise da percepção das centralidades no município de Timóteo tem uma de suas vertentes no estudo da produção do espaço urbano ao longo do século XX. A produção do espaço urbano aqui é entendida no sentido elaborado por Lefebvre (1974), e aceito pelos urbanistas brasileiros, que o estabelece especificamente como *processo de incorporação de terras rurais em espaço urbano loteado* (FURTADO, 1997). Ou, simplesmente, o processo de transformação do rural em urbano.



Vale ressaltar que a *apropriação do espaço urbano*, como efetiva ocupação dos loteamentos e implantação da necessária infra-estrutura decorrente não acontece *pari passu* com a produção do espaço. Ao contrário, a paisagem urbana típica das cidades brasileiras, assim como em Timóteo, reflete um espaço que está sempre em fase de construção, inacabado, carente e que, exatamente pela sua ocupação desigual e dispersa espacialmente, implica em custos com os quais a municipalidade não pode arcar.

Embora, do ponto de vista da percepção, a existência dessas centralidades implique rivalidades, desconfortos e até confrontos políticos, do ponto de vista de utilização do espaço urbano, a descentralização é benéfica e até incentivada em cidades de maior porte. Isso porque diminui a especulação imobiliária, facilita o tráfego de pessoas e mercadorias, distribui as necessidades dos cidadãos de forma mais equitativa no espaço e promove a expansão da rede de infra-estrutura urbana de maneira otimizada.

No intuito de construir base empírica que pudesse comprovar as indagações propostas na hipótese, Oliveira (2005) realizou exaustiva busca nos arquivos de cadastro fundiário da Prefeitura de Timóteo e levantou o ano de aprovação de cada loteamento no município (figura 1). A partir do mapa, foram calculadas as áreas de cada loteamento ao longo das décadas de 1930 a 1990 (tabela 1). É com base nesses dados e no estudo da evolução das áreas dos loteamentos aprovados que se constituirá a análise do estabelecimento gradativo de centros (pelo menos dois mais significativos) na cidade de Timóteo.

O sítio historicamente construído, quando o município ainda era distrito de Coronel Fabriciano (após ter pertencido a Antônio Dias), na década de 1930, é denominado Timóteo e encontra-se ao sul do município (figura 1). Embora represente pequena porção da área total urbanizada hoje (0,5%), é reconhecido como a “sede” ou “origem” do atual município.

A partir da década de 1940, com a implantação da empresa Aços Especiais Itabira S.A. (ACESITA), a região a norte do município e vizinho à planta industrial sofre expansão do território, coordenada pela empresa (OLIVEIRA, 2005), que representa aumento da área urbana em mais de 34 vezes. Ao mesmo tempo, a região de Timóteo também dobra de tamanho, porém, representa apenas 6% do espaço urbano do município. Pode-se dizer que enquanto a região original sofre expansão “natural” devido à implantação de novas atividades econômicas, a região próxima à usina é “artificialmente” produzida em escala industrial. Configura-se, desde então, a dinâmica municipal segundo a qual “Acesita”, o bairro, obedece às necessidades da indústria e “Timóteo”, o sítio histórico, cresce na velocidade e padrão típicos.



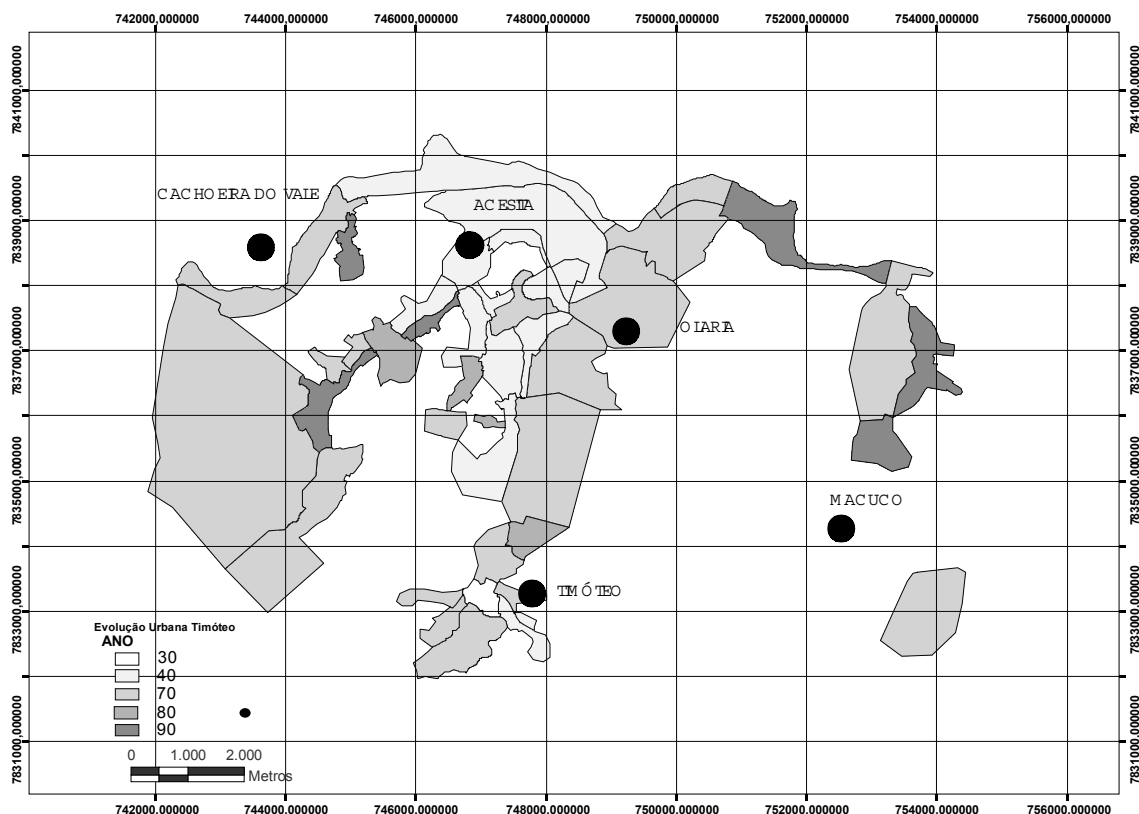


Figura 1 - Evolução urbana Timóteo

Fonte dos dados: Departamento fundiário Prefeitura Municipal de Timóteo

CENTRALIDADES	%	TIMÓTEO	%	ACESITA	%	OLARIA	%	CACHOEIRA DO VALE	%	MACUCO	TOTAL
PERÍODO		1930									
ÁREA	1	0,224491									0,224491
PERÍODO		1940									
ÁREA	0,04	0,2807441	0,96	7,4608359							7,74158
ACUMULADO	0,06	0,5052351	0,94	7,4608359							7,966071
PERÍODO		1970									
ÁREA	0,05	1,809213	0,02	0,793522	0,55	19,174189	0,30	10,412586	0,08	2,89309	35,0826
ACUMULADO	0,05	2,3144481	0,19	8,2543579	0,45	19,174189	0,24	10,412586	0,07	2,89309	43,048671
PERÍODO		1980									
ÁREA	0,29	0,334478057	0,71	0,817941943	0,00		0,00				1,15242
ACUMULADO	0,06	2,648926157	0,21	9,072299843	0,43	19,174189	0,24	10,412586	0,07	2,89309	44,201091
PERÍODO		1990									
ÁREA	0,23	0,707816	0,00		0,00		0,09	0,266152	0,69	2,15424	3,128208
ACUMULADO	0,07	3,356742157	0,19	9,072299843	0,41	19,174189	0,23	10,678738	0,11	5,04733	47,329299

Tabela 1 – Áreas dos loteamentos aprovadas em Timóteo (* área em quilômetros quadrados).

Fonte: Figura 1. Compilação dos dados: Furtado, B.

A década de 1970 surpreende pelo surgimento de um terceiro pólo, a região de Olaria, desprovido de maior significância simbólica, no sentido da paisagem, mas ainda assim espacialmente presente. Sua localização, a noroeste de Timóteo, no vértice de um triângulo imaginário, configura a alternativa de crescimento que não se encontra nem no



sítio histórico estigmatizado e distante (8 km), nem na “cidade Acesita” própria daqueles intimamente ligados à empresa.

Note que esse período demonstra certa acomodação da produção do espaço nos dois centros tradicionais (2% em Timóteo e 5% em Acesita), em detrimento do crescimento de Olaria (55%) e uma quarta região da cidade, Cachoeira do Vale (30%). Região mais periférica, fisicamente distante devido ao “morro” que o separa de Acesita e “à beira da estrada”, com todo o peso que tal localização impõe. Ou seja, a década de 1970, época em que todas as regiões metropolitanas apresentavam crescimento incomensurável dos seus espaços urbanos (MARICATO, 1989) o município de Timóteo concentra 85% da sua expansão fora dos dois centros “tradicionais”. Isso reflete a busca por uma alternativa para a classe média não estabelecida, proveniente de outras localidades (Olaria), ou para os excluídos do sistema (Cachoeira do Vale).

A década de 1980 nos remete a dois conceitos já explicitados. Não há produção do espaço nas regiões novas pela falta de espaço loteável, fruto da expansão irracional da década anterior, e pela maior rigidez imposta pela Lei 6766 de 1979 publicada pelo Congresso Nacional¹. Por outro lado, as regiões de ocupação mais antiga sofrem pequenos aumentos em sua área urbana (2% de acréscimo à área total já urbanizada), proporcionalmente maiores em Acesita (71%) do que em Timóteo (29%). Note que até então não há “continuidade urbana” entre Timóteo e Acesita. Ou seja, para ir de Timóteo a Acesita era necessário cruzar a área rural do município, o que reforça a separação entre os dois centros.

Será somente com a expansão urbana da década de 1990 que o bairro Nossa Senhora das Graças, ao longo da Avenida Acesita (*sic*), promoverá a integração total das áreas urbanas da cidade. É nesse período também que acontece a intensificação da expansão periférica. A região de Macuco, a leste da cidade, por trás da Serra de Timóteo, também conhecida como Limoeiro Velho ou Fazendas Minério, contribui com 69% da expansão do período. Ao que parece vem suplantar como alternativa para a população sem recursos a região de Cachoeira do Vale (a essa altura mais integrada à cidade).

O retrato dessa evolução remete a uma cidade espalhada, especialmente conformada nos vales dos rios Timóteo e Timotinho, e, portanto, entre duas serras. Com pelo menos cinco núcleos, sendo dois (Timóteo e Acesita) antigos e rivais (26% da área total), um mais recente e à parte da estrutura sociológica (Olaria, com 41% da área total), uma periferia estabelecida (Cachoeira do Vale, com 25%) e uma “nova” periferia (Macuco, com 10%), em construção.

Do ponto de vista da paisagem urbana, Lynch (1989) estabelece interligações entre elementos físicos, maiores e menores, como canais de correspondências entre imagens e comportamento urbano. Nesse sentido, define como elementos morfológicos na paisagem: bairros, limites, vias, cruzamentos e elementos marcantes. Utilizando-se

¹ A Lei 6766 de 19 de dezembro de 1979 estabelece as condições mínimas para o parcelamento do solo.



dessa sugestão de classificação no estudo da cidade de Timóteo, percebe-se a conexão com as “regiões” delimitadas acima.

O conceito de bairro, popularmente e legalmente estabelecido pela prefeitura corresponde a cada loteamento novo aprovado. De acordo com a proposta de Lynch, entretanto, teríamos essas grandes regiões, denominadas então de bairros como os espaços do município que incorrem em diferentes percepções da paisagem.

Os elementos marcantes e vias também são facilmente identificáveis. Em Timóteo, o centro histórico, temos a matriz e sua praça, bem como o prédio da Prefeitura e da Câmara, localizados ao fim da Avenida Acesita, claramente estabelecidos como *elementos marcantes e vias*. Em Acesita, a Avenida 29 de abril serve como referência para um bairro que não contém elementos marcantes (senão o chamado “escritório central” da ACESITA), dada que a escala da planta industrial supera em muito a escala de percepção urbana dos cidadãos. Já o bairro de Olaria, encontra-se às costas da Serra Timóteo e ao longo da Avenida Acesita. De elemento marcante, o que lhe resta é apenas um antigo forno. Macuco e Cachoeira do Vale, periféricos, contam apenas com as rodovias (aquele a BR-262 e este a rodovia de acesso ao Parque Estadual do Rio Doce) que os trespassa como referência.

A (IM)POSIÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA NA PERSPECTIVA DO LUGAR

A partir de entrevistas – realizadas no período de agosto a outubro de 2004 – com moradores residentes há mais de cinquenta anos no município, mapearam-se alguns elementos históricos de relevante importância na compreensão da constituição da(s) centralidade(s) urbana(s) de Timóteo.

Na perspectiva dos moradores mais antigos do centro histórico (*sítio histórico*) e do centro criado pela ACESITA (“centro Acesita”) a implantação da empresa provocou profundas modificações no então Distrito de São Sebastião do Alegre de Timóteo pertencente ao município de Antônio Dias Abaixo, que mais tarde passou a se denominar apenas Timóteo pertencendo ao município de Coronel Fabriciano. A empresa ACESITA é um dos elementos responsáveis pela emancipação do referido Distrito à condição de Município em 1964.

A partir da implantação da ACESITA, o município tem um desenvolvimento típico de outras cidades mono-industriais do Brasil. Nesse contexto, o projeto urbanístico implementado, financiado e administrado pela empresa confronta-se com a organização espacial (e sócio-cultural) anterior. *A vinda da empresa deu vida para a cidade, ela criou tudo, água, esgoto, luz, calçamento, tudo que uma cidade precisa ela deu. Ela queria formar outra cidade e não pôde. O pessoal lá de cima [sítio histórico] podia ter ajudado a formar a cidade e chamar atenção do governo* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 55 anos).

O *sítio histórico* que mais tarde se caracterizou como Centro-Sul, existia, ou se constituía uma mancha populacional que tinha como principal atividade econômica um comércio incipiente que atendia apenas um pequeno grupo ali estabelecido. As demais



áreas do distrito eram constituídas de grandes propriedades rurais particulares que em muitos casos foram adquiridas pela ACESITA.

Quando foi na década de 40, em 44 que chegou a ACESITA, ficaram instalados na casa do meu irmão, Raimundo Alves começou a comprar terrenos, por aí tudo, comprando de uns, desapropriando outros, roubando de outras, porque houve muita roubaheira, muita desonestidade, e começou então a chegar gente de tudo em quanto é lado pra aqui, começaram a construir casas também de pau a pique, aí o progresso começou aqui e lá ficou estacionado [sítio histórico], lá custou muito a desenvolver, lá só foi com o tempo e foi implantando o comércio, com a diferença que a ACESITA monopolizava e não deixava ninguém instalar seu comércio nos terrenos dela, as pessoas queriam explorar o aglomeramento que tinha, colocavam o comércio lá em cima, fora da área da Acesita aí começou o progresso lá de Timóteo, ou então compravam também em Fabriciano, começou o progresso lá também. Quando a ACESITA veio ela montou armazém, escola, mercado, casa de tecido, de tudo, ela pôs de tudo, o empregado tinha que comprar dela (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 70 anos).

Parte significativa dos entrevistados mostraram-se satisfeitos com a implantação da ACESITA, afirmando que sem a empresa a cidade não teria alternativas de desenvolvimento: *a instalação da ACESITA na cidade de Timóteo, foi boa, porque aqui era uma "cidade" agrícola se plantava muito e não tinha para quem vender (...) a ACESITA trouxe muita gente e fez a cidade de Timóteo crescer e também Coronel Fabriciano* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 60 anos). *A empresa foi uma mãe para a cidade, trouxe muita evolução* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 86 anos); *quando cheguei a empresa estava começando, desmataram, tinha um campo de aviação, montou uma estrutura para funcionar. A empresa resolvia tudo, tudo girava em torno da ACESITA, Timóteo [sítio histórico] não tinha força pra nada era um arraial encostado lá em cima. A vinda da ACESITA pra cá foi ótima* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 60 anos).

Entretanto, muitos entrevistados mostraram-se insatisfeitos não só com a chegada da empresa, mas principalmente com a maneira como a empresa "descartou" (negligenciou) o sítio histórico, além de provocar, na opinião dos entrevistados, grandes impactos na região, principalmente impactos ambientais como mostra a seguir dois depoimentos: *vim trabalhar para Geraldo Araújo muito antes da ACESITA ser implantada, Timóteo era tudo mata fechada (...) agora...* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 60 anos); *Quando a ACESITA chegou era tudo mata, fizeram a terra planagem, então a cidade de Acesita foi crescendo junto com o desenvolvimento da empresa (...) mas Timóteo...* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 80 anos).

A partir da implantação da ACESITA um grande fluxo migratório se deslocou para o Distrito de Timóteo e começaram a ser instaladas as primeiras vilas-operárias próximas à indústria. Com um número cada vez maior de trabalhadores, a ACESITA teve que investir em equipamentos urbanos para atender a seus funcionários. Aqueles que se empregaram na empresa tiveram acesso facilitado, principalmente, a Habitação, Educação e Saúde. Nesse contexto, o acesso à cidade e seus equipamentos de qualidade se dá por meio da sua ligação com a empresa.



Os investimentos da empresa na criação de uma infra-estrutura para abrigar suas atividades e seu quadro funcional, próxima à planta industrial da empresa, provocaram um distanciamento qualitativo, além do geográfico que já existia, em relação ao *sítio histórico*. A empresa ao concentrar seus investimentos em áreas de seu especial interesse, cria uma relativa rejeição por parte daqueles que não se beneficiaram diretamente dos investimentos na produção do espaço urbano, no caso aqueles localizados fora das áreas da empresa, em especial a população do *sítio histórico*.

[ACESITA] Trouxe escola, o hospital na época começou sem recurso, os instrumentos médicos eram fabricados aqui mesmo, material cirúrgico, mas também com médico inteligente, com enfermeiros que eles treinavam pra fazer o serviço médico, foi bom pra eles porque aprenderam a trabalhar. O serviço médico era a domicílio, **a ACESITA dava total assistência a seus empregados** [grifo nosso] no principio, era uma mãezona, o remédio era descontado no pagamento, se você tinha dinheiro levava, se não tinha levava também, depois ficava devendo e ia descontando (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 70 anos).

Nesse processo, a organização espacial urbana reproduziu a hierarquia da empresa, bem como suas relações sociais, o que pode ser verificado na hierarquização espacial dos bairros. Aqueles bairros criados pela empresa apresentam melhores padrões de construção além da proximidade com o escritório e portarias centrais da empresa. A regra é a seguinte: quanto maior a hierarquia funcional, maior o salário, melhor a casa e menor à distância do local de trabalho. Esse fato é “explicado” pelas possíveis emergências que somente um funcionário de nível técnico mais elevado teria condições de resolver. A ACESITA passa a ser grande gestora da cidade produzida para atendê-la. O *bairro dos Funcionários*, o nome já diz, moravam os médicos, engenheiros, os funcionários de escritório com cargo de chefia, as casas melhores que foram construídas foram a da Vila dos Técnicos e dos Funcionários (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 60 anos).

Eu trabalhei na ACESITA de 1953 a 1959 (...) a vida social, a empresa se preocupava em dar lazer para seu funcionário, tínhamos o clube, o futebol, sempre esteve presente, onde é o colégio Macedo Soares tinha um campo de futebol, para o pessoal de classe mais alinhada, tinha o clube das Bromélias, Elite Clube. Outra preocupação foi a área da construção, toda casa tinha que ter um quintal muito grande, com lotes enormes, tinha concurso, para as melhores hortas, os melhores jardins, preocupava-se com o conforto de seus funcionários, tinha teatro Maria Joana, eu mesma, em 54 e 55, era artista de teatro (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 65 anos).

Enquanto isso, o centro histórico ficou excluído e estigmatizado o que provocou a revolta e o descontentamento de muitos moradores, como pôde ser observado nos depoimentos dos entrevistados.

Nossas favelas não são como essas vistas por aí, mas nós temos muita miséria dependurada, nos montes e nas ribeirinhas, pessoas que vêm de fora pra trabalhar não acham emprego, encostam nesses cantos e ficam passando fome, se quiser conhecer o sofrimento dessa gente, vá até ao Ana Moura, no alto Bela Vista, no Esplanada, no Macuco, há muita fome graçando aqui, um desamparo, miséria total, só que a miséria de Timóteo não tem quem mostre (...) a criança que chora e ninguém vê porque ela está



lá naqueles cantões (...) as pessoas ficaram abismadas, não sabiam que havia tanta miséria e tanta dor no município de Timóteo, são coisas que ninguém enxerga e quando você vê as festas de carnaval, você tem vontade de chorar de vê tanto dinheiro se gastando pra divertimento e enquanto pessoas estão morrendo de fome (...) A família toda doente, a criança com 3 tipos de desnutrição, a mãe anêmica, o homem também, o barraco de 1 cômodo, para 8 pessoas dormir, não tinha banheiro, as fezes eram jogadas ao redor do barraco (...) Dizem que em Timoteo não tem favela e que o nível de vida em Timoteo é excelente, é sim, o centro é, as periferias [no caso relatado o sítio histórico] não, é onde falta rede de esgoto... (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 80 anos).

A não aceitação do novo centro que no passado estava separado do *sítio histórico* por cercas implantadas pela ACESITA é recorrente nos depoimentos. Durante muito tempo a empresa esteve separada de Timóteo por cercas que delimitavam a influência da ACESITA; os espaços dominados pela empresa eram “guardados” para prevalecer a ordem e a segurança do patrimônio, o que mantinha o núcleo residencial e a usina fechados². Essa separação entre as áreas produzidas pela empresa e o restante do distrito fez surgir as duas centralidades.

A empresa criou um “centro” para atender as necessidades de seus funcionários e os interesses da empresa enquanto a outra centralidade – *sítio histórico* – foi excluída dos planos de investimentos da empresa.

A “cidade Acesita” como paisagem e como espaço econômico e social tem sua vida atrelada à da empresa. De acordo com os entrevistados, o comportamento das pessoas era determinado pela empresa; como exemplo eram proibidos a venda e o consumo de bebidas alcoólicas nas imediações da empresa enquanto o “Timirim das Cachaças” – que pertencia a Timóteo – era conhecido como “território livre”, onde os operários podiam fugir do rígido controle da empresa.

Hoje as cercas que separavam e delimitam a área da empresa e área dos outros desapareceram. Entretanto, as fronteiras físicas tornaram-se fronteiras simbólicas: de um lado os *insiders* (os de dentro) socialmente incluídos através da empresa, de outro os *outsiders* (os excluídos, os de fora) aqueles que não tinham acesso à “cidade Acesita”. Na perspectiva daqueles que não se beneficiaram diretamente da ACESITA (residentes no *sítio histórico*), o “centro Acesita” pode ser considerado um “não-lugar”.

Por outro lado, os entrevistados ao serem indagados sobre o “Centro da Cidade”, dividiram opiniões: alguns apontaram o *sítio-histórico* como o “Centro da cidade”, mesmo morando próximo ao centro comercial; para outros, o “Centro da Cidade” é o “Centro Comercial” pois é *lá que tudo acontece, as melhores coisas estão lá; a cidade de Timóteo não passaria de um pequeno povoado sem perspectivas* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 60 anos).

² Caso semelhante ainda acontece hoje na região da empresa Companhia Vale do Rio Doce na região de Carajás, no Pará.



O centro da cidade é a Praça 1º de Maio [“centro Acesita”], eu não sinto Timóteo [sítio histórico] lá em cima como centro da cidade, apesar de que eu morava lá, porque aqui embaixo estão os grandes centros, ali estão os bancos, o centro comercial, correio, muito mais movimentado. Vai à noite aqui e lá em cima, onde está o centro! Não que eu seja bairrista, compara pra você vê, onde você faz suas compras, lá em cima, ou na praça. A empresa não tem culpa disso, antes dela vir já existia isso, através do “divisor de águas”, eu sou natural de Jaguarapu e nasci na fazenda do Alegre, onde era o bairro Arataca e quem nasceu lá em cima era natural de São Domingos do Prata, quando passou para Antonio Dias é que juntou tudo, ao mudar o Distrito que passou a Antonio Dias e unificou. A Empresa não tem culpa, antigamente se dizia, vamos lá em cima no São Sebastião do Alegre? Os irmãos Malaquias doaram o terreno pra Sr. Sebastião e Alegre era a Sesmaria do Alegre, até o Rio “Minas” (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 80 anos).

Entretanto, observa-se uma maior disposição daqueles que moram no “centro Acesita” em aceitar o *sítio histórico* como o centro da cidade; o mesmo não acontece em relação aqueles que moram no *sítio histórico* que são mais resistentes em aceitar o “centro Acesita” como o “Centro da cidade”; para a maioria dos entrevistados residentes em Timóteo (*sítio histórico*) não existe o centro criado pela empresa; a percepção é a de que o “centro Acesita” é apenas um bairro da cidade, pois, o Centro é o centro histórico, origem do município: *não assinei o plebiscito para que a ACESITA pudesse passar a cidade e acho que Timóteo que é a cidade e só tem centro, em Timóteo (...) Acesita é a empresa (...) Timóteo é o centro é lá que a cidade começou primeiro* (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 50 anos).

A cidade hoje tem dois centros, o Centro Sul [sítio histórico] e O Centro Norte [“centro Acesita”], quem mora aqui sabe mas e quem vem de fora? Fazem a maior confusão. A verdade é que o pessoal lá de cima [sítio histórico] nem dá informação direito, aqui em baixo não [“centro Acesita”]. Essa dualidade atrapalha pra todo mundo, nem a cidade vai pra frente e fica esse trem amarrado aí. Essa rivalidade existe entre as pessoas também, eles só não importam de descer pra se divertir e fazer compras, pois o comércio aqui é mais desenvolvido (Trecho extraído de entrevista com morador residente em Timóteo há mais de 60 anos).

Essa dualidade expressa na fala dos entrevistados, está presente na dinâmica da cidade; faz parte do cotidiano dos moradores do município. Entretanto, no ritmo acelerado dos fluxos que caracterizam a região, nem sempre a referida dualidade é facilmente identificada por aqueles que não detêm os “mapas do cotidiano Timotense”, pois, como sugere Rui Moreira (1997), a fluidez da paisagem, a dinâmica das relações sociais e produtivas promove a massificação do cotidiano em suas mais diversas instâncias.

A fluidez instantânea da paisagem, fluidificando os espaços, aproximou tanto as diferenças que nessa geografia assim animada já não há mais distinção, se alguma vez houve, entre espacialidade topológica, percebida, vivida, produzida ou simbólica, tudo hoje fundindo-se e confundindo-se na contextualidade sógnica de um mesmo cotidiano massificado. Nesse mundo em que o fantástico e o real se interpenetram para formar uma mesma espacialidade só quem a vive por dentro retém o mapa das referências (MOREIRA, 1997:53).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo comprova o impacto significativo no espaço e na sociedade resultado da implementação de novas atividades econômico-empresariais, nesse caso a indústria siderúrgica de grande porte. Isso se configura na escala do espaço regional, a própria conformação em si da “Região do Vale do Aço” e a mudança radical do uso do solo que ocorria até então. No âmbito da cidade, o urbano é transformado radicalmente, ou, em outros termos, criado e implementado à “imagem e semelhança” e necessidades, interesses, da empresa detentora do capital e da tecnologia.

A cidade, Timóteo, o urbano, objeto e ator da sociedade, revela-se contraditória como ela. Representa o conflito de interesses entre aqueles que se beneficiam da exploração dos recursos e aqueles que, embora muitas vezes dependam da atividade econômica principal, são alijados forçosamente do seu *status quo*. E, simultaneamente, não tem acesso, por não se enquadrarem como funcionários ou agregados da empresa, às benesses e melhorias supostamente promovidas.

Como demonstra a evolução do espaço urbano feita por meio da descrição dos loteamentos aprovados ao longo do século, a ocupação do espaço acontece de forma inexorável, planejada ou não, legal ou não, provida de bens e serviços ou não. Para a população que ocupa o espaço, a sobrevivência é mais premente que possíveis exigências espaciais mínimas. Sejam elas de conforto quanto a necessidade de deslocamento, de condições sanitárias do bairro e da residência, da disponibilidade de infra-estrutura e serviços.

Para os cidadãos, portanto, resta buscar entender melhor a dinâmica urbana, tanto nos seus desenhos socioeconômicos quanto culturais-espaciais, de modo a se organizar e intervir para que, no processo de acolhida e investimento do capital, sejam obrigatórias inerentes e completas o retorno à sociedade que o acolhe, a cidade e sua população.

REFERÊNCIAS

FURTADO, Bernardo Alves. **A cidade, seus agentes e o transporte coletivo em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UFMG, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

COSTA, Heloísa Soares de Moura. **Vale do Aço: da produção da cidade moderna sob a grande indústria à diversificação do meio-ambiente urbano**. Tese de doutorado defendida no Centro de Desenvolvimento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

LEFEBVRE, H. **The production of Space**. Oxford UK & Cambridge USA, Blackwell, 1974.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.



MARICATO, Ermínia. **A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial**. São Paulo: Nobel, 1989.

MOREIRA, Rui. *O racional e o simbólico na geografia*. In: ARROYO, Mônica; SOUZA, Maria A. de; SANTOS, Milton & SCARLATO, Francisco Capuano (orgs.). **O novo mapa do mundo Natureza e Sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. São Paulo. HUCITEC, 1997.

OLIVEIRA, Leoneci E. S. S. **A produção, apropriação e dinâmica do espaço urbano influenciado por empresas industriais de grande porte**. Estudo de caso: o município de Timóteo – MG e a Companhia Aços Especiais Itabira S.A. – ACESITA: 2005. Monografia (Iniciação Científica) UnilesteMG, Coronel Fabriciano, mimeo.

OLIVEIRA, Dorotéo Émerson Storck de & BELTRAME, Elder Pereira. **A influência da grande indústria na produção do espaço urbano de Ipatinga, MG**. Estudo de caso da Usina Siderúrgica de Minas Gerais – USIMINAS. Anais do X Encontro de Geógrafos Latino-Americanos. São Paulo, USP, 2005.

PIQUET, Rosélia. **Cidade-empresa: presença na imagem urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

